



BIANCA CAMARGO MARTINS
(ORGANIZADORA)

O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
CAPÍTULO 2	12
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
CAPÍTULO 3	45
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
CAPÍTULO 4	57
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
CAPÍTULO 5	70
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
CAPÍTULO 6	82
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
CAPÍTULO 7	93
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

CAPÍTULO 8	104
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915108	
CAPÍTULO 9	120
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.0791915109	
CAPÍTULO 10	136
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151010	
CAPÍTULO 11	147
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.07919151011	
CAPÍTULO 12	159
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELACADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
DOI 10.22533/at.ed.07919151012	
CAPÍTULO 13	169
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.07919151013	
CAPÍTULO 14	182
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
DOI 10.22533/at.ed.07919151014	

CAPÍTULO 15	191
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
DOI 10.22533/at.ed.07919151015	
CAPÍTULO 16	200
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.07919151016	
CAPÍTULO 17	212
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
DOI 10.22533/at.ed.07919151017	
SOBRE A ORGANIZADORA	225
ÍNDICE REMISSIVO	226

CELEBRAR A CIDADE: IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960-1990)

Michel Kobelinski

Em 9 de dezembro de 2019 comemorase o bicentenário da cidade de Guarapuava-PR.¹ Oportunidade esta imprescindível para pensarmos sobre como os atributos visíveis desta cidade foram retratados pelos discursos das administrações públicas ao longo das décadas de 1960-1990. Eles incorporaram imagens urbanas oficiais àquelas que eram o resultado de contemplações individuais e coletivas. Considerando a cidade como uma construção coletiva, apropriada ideologicamente pelos enunciados dos discursos, privilegamos aqui uma reflexão acerca de parte das narrativas que procuraram seduzir os seus interlocutores para a formação de um conjunto de imagens projetadas e idealizadas para esta cidade do interior paranaense.

Neste estudo a história é entendida como forma de construção discursiva. Enquanto tal, ela não deixa de ser uma representação incompleta, na medida em que escolhe o tipo de fonte que se quer trabalhar e a maneira como a narrativa se organiza. A construção de uma narrativa histórica conduziu-nos a uma interpretação baseada em Alves² e na análise barthesiana sobre os textos e imagens de jornal.³ Por outro lado, a fotografia nem sempre foi

utilizada como recurso disponível às solicitações do discurso, como um subterfúgio à palavra escrita. Mas o seu uso se popularizou e passou a fazer parte da divulgação e disseminação de inúmeras práticas de agentes sociais coletivos. Uma ação foi necessária a fim de dar sentido às imagens, para que elas não se tornassem o local de um crime: “[...] aqui deve intervir a legenda, introduzida pela fotografia para favorecer a literalização de todas as relações da vida e sem a qual qualquer construção fotográfica corre o risco de permanecer vaga e aproximativa”.⁴ Isso nos levou a pensar na natureza das imagens, a forma como as captamos e nos valemos desse recurso, para comunicar ou para dissimular as coisas. Além disso, deve ser levada em conta a interpretação que podemos fazer acerca de seus usos.

A valorização das formas urbanas através das imagens passou a ser empregada de maneira mais eficiente no final da década de 60 pelas administrações públicas em Guarapuava. Entre 1964 e 1968, na gestão de Nivaldo Passos Kruger surgiu o primeiro Plano Diretor Urbano de Guarapuava (Figura 1), o qual utilizou a fotografia para atribuir sentidos e valores ao meio urbano.⁵ Essa prática permitiu à narrativas trabalhar com uma imagem urbana congelada, a qual satisfazia os interesses

políticos ao mesmo tempo que se distanciava dos problemas sociais. As associações entre imagens e mensagens induziram à população a idealizar o desenvolvimento de Guarapuava e associá-la à modernidade: a igreja Nossa Senhora de Belém e a Praça 9 de Dezembro, os prédios de construção recente; a igreja Santa Terezinha e a sua praça de estilo inovador, prédios e áreas residenciais; a rodovia Federal (BR 277). Como o Plano Diretor Urbano de Guarapuava de 1967 era um documento técnico, que possibilitava a planificação das atividades urbanas em determinado momento, teve uma tiragem reduzida (Figura 2).



Figura 1. Capa do Plano Básico de Urbanização. A imagem fotográfica que originou esta reprodução artística tem a seguinte legenda: “Guarapuava chega, jovem e dinâmica, aos 148 anos. É a imagem mais avançada de um município que se fez da madeira, dos ricos campos agrícolas, servidos pela moderna técnica, e de muito trabalho”.

Fonte: M. Kobelinski.

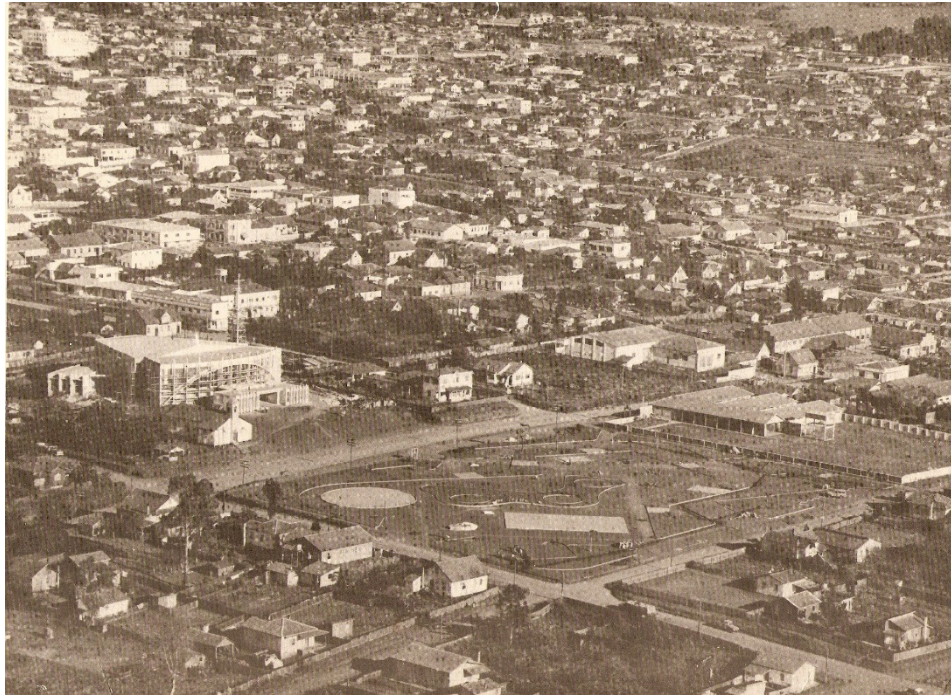


Figura 2. Vista aérea dos arredores de Guarapuava. Plano Básico de Urbanização (1967). A imagem tem a seguinte legenda: “O acelerado progresso urbano da cidade deu-lhe uma nova imagem, substituindo um panorama secular”.

Fonte: M. Kobelinsi

Esta imagem da cidade enfatizava que as mudanças urbanas eram propiciadas pela gestão pública. Desse modo, a linguagem técnica presente no Plano de Urbanização e a linguagem popular empregada em jornal demonstram como a imagem da cidade podia ser manipulada e difundida entre diferentes grupos sociais.

As linguagens discursivo-visuais se mantiveram na gestão municipal de Moacyr Julio Silvestri (1969-1972). Algumas intervenções urbanas associadas a imagens selecionadas eram necessárias, uma vez que o desenvolvimento urbano era lento. Portanto a mensagem visual e política visava construir uma imagem positiva da cidade para seus moradores. Se a linguagem visual dos jornais era clara para os leitores pelo que se enquadrava (prefeito, boneco de neve, Lagoa das Lágrimas, pavimentação de avenidas, praças e grupo folclórico), as transformações urbanas eram subjetivas e distantes, embora que o discurso político-progressista fosse em outra direção.⁶ A seleção das imagens publicadas pelo jornal envolve o que poderíamos chamar de “marketing”; elas mostraram a cidade a partir dos atrativos turísticos, selecionando apenas os pontos mais importantes, enquanto suas franjas eram ocultadas dos próprios residentes. O discurso de Moacyr J. Silvestri (1970-1971) enaltecia a si mesmo como homem público e trabalhador. Sua imagem encenando uma jornada de trabalho não passa de uma construção, uma montagem, pois não há naturalidade na ação retratada. Para o observador menos atento alude-se à ideia de que o trabalho e a responsabilidade trariam o progresso e o bem-estar social a todos.

Silvestri baseou-se na história da cidade para validar suas realizações e popularizar uma imagem utópica da cidade, a exemplo da administração anterior

que lhe serviu de modelo. Em outros termos, a tradição, a rememoração dos eventos que marcaram a fundação da cidade serviria de estímulo aos desafios do progresso, principalmente durante seu aniversário. O passado dava o exemplo de como agir e vencer os desafios da modernidade; a fidelidade às tradições justificava a crítica ao investimento na urbanização da cidade.⁷ Nessa perspectiva, o progresso não poderia se manifestar apenas com algumas realizações visíveis de sua administração, mas também, com os incentivos do empresariado guarapuavano. O otimismo era um elemento importante para conclamar a todos (principalmente a iniciativa privada) para uma perspectiva de projeção econômica para a cidade. É nessa perspectiva que se colocava em evidência a contradição entre o que se divulgava e o que realmente transcorria na cidade. A narrativa jornalística, às vezes, tecia críticas a essas ideias apresentadas. Podemos observar que, em geral, os discursos valorizavam uma imagem urbana que se mantinha estacionária cuja mentalidade industrial era incompleta:

O caminho agora, é a industrialização. Dinheiro já temos, e temos também a infraestrutura industrial. Disciplina é a palavra de ordem. É preciso que os empresários guarapuavanos se unam e formem uma só consciência sobre a necessidade e os objetivos da industrialização. E, em seguida, passem à ação, com a implantação efetiva das indústrias.⁸

Entre 1973-1976 voltava à administração municipal Nivaldo Passos Krüger, que continuou com o uso de recursos linguísticos e visuais no tratamento da imagem da cidade. Quanto às imagens complementares produzidas pelo jornal Esquema Oeste as conotações ao desenvolvimento são ressaltadas pelos atrativos turísticos: a Rua XV de Novembro,⁹ o núcleo urbano da cidade,¹⁰ edificações em andamento, Lagoa das Lágrimas, pavimentação de avenidas marginais, a iluminação na parte central da cidade, e edifícios,¹¹ vista aérea do centro urbano da cidade, o edifício do hotel Atalaia Palace e edifícios importantes da cidade.¹² Essas transformações em parte da cidade, adquirira um sentido simbólico. Este foi o caso da igreja Nossa Senhora de Belém - uma vez que as cinzas de seu fundador eram trasladadas para a cidade – e da inauguração do Hotel Atalaia, em 1976. Por outro lado, a narrativa de Krüger reconhecia os problemas advindos da concentração urbana. No seu entendimento, a população que sofria com a falta de infraestrutura não poderia ser atendida prontamente. Mas, a sede do poder público municipal seria a “casa do povo”, local em que o apoio popular daria estímulo ao governo municipal para sanar as adversidades. Portanto, priorizar o desenvolvimento urbano, em sua concepção, passaria inicialmente por um planejamento das atividades a serem desenvolvidas e o contato contínuo com os eleitores.

A transformação na cidade nesse período foi marcante. Os enunciados e as mensagens tornaram a cidade “mais legível”. Entenda-se essa legibilidade a partir da ótica dos governantes, isto é, para o poder público municipal todas as ações eram

motivo de comemoração. Dessa maneira, ocorreram várias ações coordenadas: 1ª Festa da Maçã no Paraná (1976), a oficialização de Feira de Bezerros, ações da Companhia de Urbanização de Guarapuava (SURG), a projeção de slides sobre a cidade, entre outras. A ideia era propagar uma imagem urbana harmônica junto à opinião pública:

A cidade tornou-se mais bela e mais Humana, ganhando novas ruas pavimentadas e novas obras de urbanização. Concluímos mais uma etapa da rede de esgotos sanitários. Os nossos jovens ganharam o Ginásio de Esporte e novas escolas foram construídas na cidade e no interior. Obtivemos recursos do projeto CURA e do FDU, que já estão sendo aplicados em obras importantes. E demos continuidade, em ritmo satisfatório, a vários outros projetos e programas da administração municipal.¹³

Essa diferença entre o discurso e realidade ficava mais clara quando se observava o zoneamento urbano, o qual privilegiava as áreas centrais e, por conseguinte, grupos sociais privilegiados.¹⁴ Desse modo, enquanto o discurso ia numa direção, a prática que se estabelecia ia noutra. E, de fato, as administrações públicas municipais preocupavam-se em divulgar bem algumas melhorias na cidade com a finalidade de se promoverem em termos político-administrativos. Essas estratégias empregadas no marketing da cidade evidenciam que as administrações públicas, cada vez mais tinham plena consciência dos problemas sociais e urbanos e de seu papel na gestão e resolução dos problemas urbanos. Apesar dos esforços, certas medidas de governo foram vistas como impróprias para os munícipes. O descontentamento popular ocorreu com o novo zoneamento urbano e a cobrança de impostos. O que se confirmou foi um processo de melhorias urbanas que não se estenderam integralmente, pois as áreas periféricas não receberam investimentos adequados.

Sem dúvida a presença de simbólicos e históricos foi fundamental para que o “marketing” da cidade se consolidasse no imaginário da população de Guarapuava naquela época. Em 1974, por exemplo, contratou-se a Estratégia de Publicidade e Marketing S/C Ltda. para elaborar um perfil da cidade.¹⁵ Além disso, o prefeito Nivaldo Passos Krüger montou uma comissão, cuja incumbência era exumar e transladar os restos mortais do corpo do Padre Chagas, de Santana do Parnaíba (SP) para Guarapuava. Foram organizadas várias atividades. No monumento erigido na Praça Nove de Dezembro se inscreveram os seguintes termos:

“Neste monumento foram depositadas as cinzas do Revmo. Padre Francisco das Chagas Lima - benemérito fundador da cidade de Guarapuava e seu primeiro vigário colado, nascido em 1757, em Curitiba e falecido a 6 de outubro de 1832, em Parnaíba - Estado de São Paulo. Homenagem da Prefeitura Municipal de Guarapuava e de seu povo no 155º aniversário de fundação, sendo prefeito o Sr. Nivaldo Passos Krüger”.¹⁶

Nas emissoras de rádio, veiculava-se a biografia de Padre Chagas (dia 6); havia homenagem a Afonso Alves Camargo com o descerramento de placa na praça Nove de Dezembro; apresentação dos corpos de baile das cidades de Ponta Grossa e Curitiba e a recepção, na BR 277, às cinzas de padre Chagas e seu encaminhamento para o paço municipal (dia 7); visita pública à urna no “hall” da prefeitura e Baile de

Aniversário da cidade no Guarapuava Esporte Clube; alvorada festiva com a banda do 3º Batalhão de Infantaria Blindada; missa em ação de graças, e introdução da urna em monumento na Praça Nove de Dezembro; palestra do prefeito em emissoras locais e corrida de kart na Lagoa das Lágrimas.¹⁷

Na época, Antonio Lustosa de Oliveira, “procurador da Prefeitura Municipal de Guarapuava para proceder pesquisas e transladação das cinzas do Padre Chagas”, reconhecia que as comemorações daquele ano tinham sido inusitadas: “o transcurso dessa magna data, neste ano, será diferente do que costumeiramente acontecia ao longo de sua existência sesquicentenária”. Ele também enaltecia aquela governança.¹⁸ O monumento em homenagem ao padre Chagas passava a intermediar vínculos poderosos entre a administração municipal, a população da cidade e seu passado. O jornal apenas se encarregava de divulgar as notícias. Contudo, estas mensagens visuais e linguísticas por mais impactantes que fossem se tornaram difusas para os guarapuavanos, uma vez que existia uma cidade idealizada e uma cidade real.

Oliveira também se referia à inauguração da Estância Hidromineral de Santa Clara (15 dez. 1974), uma “dádiva sagrada de Deus, uma fonte d’água miraculosa” que havia sido esquecida, ou que não teria recebido dos governos estaduais, (Bento Munhoz da Rocha Neto, Moysés Lupion, Ney Braga, e Paulo Pimentel) a devida atenção, uma vez que o Estado, não podendo gerenciar tal empreendimento, repassou a responsabilidade à PARANATUR, que restaurou e mobiliou as suas antigas instalações.⁷

Entre os anos de 1977 a 1983, a administração municipal foi exercida por Cândido Pacheco Bastos, vice-prefeito e presidente da Companhia de Serviços de Urbanização de Guarapuava (SURG) na gestão de Nivaldo Passos Krüger. Desta maneira era natural que a estratégia pedagógica tivesse continuidade. A inserção de fotografias no jornal Esquema Oeste retratava pontos estratégicos da história da cidade, locais de uso frequente e importantes para seus habitantes: igreja Nossa Senhora de Belém, Rua XV de Novembro, Lagoa das Lágrimas, Praça Cleve, Museu Visconde de Guarapuava, monumento ao cacique Guairacá, entre outros. O uso de imagens com ângulos diversificados, em diferentes escalas, evidenciou uma educação visual na qual a história da cidade era associada à modernidade:

Dentro da Guarapuava Moderna, que transformou radicalmente as suas feições nos últimos 20 anos, vive também a Guarapuava antiga, denunciada por umas poucas construções que ainda conservam ao longo dos anos, resistindo ao impacto do progresso, o que, se de um lado traz benefícios incontestáveis, de outro nem sempre atenta para a necessidade de preservação do patrimônio histórico da cidade.¹⁹

Por outro lado, a propaganda da cidade tendia a incorporar, entre os leitores, referências à modernidade através de obras de pavimentação asfáltica. Da mesma forma que nas administrações anteriores, os festejos de aniversário da cidade foram marcados por eventos, cujos objetivos encerravam demonstrações de preocupação com a qualidade de vida na cidade. Portanto, sua imagem deveria ter embasamento

nas realizações do poder público municipal através de obras de urbanização e do incentivo às empresas que se instalavam na cidade. O discurso de Cândido Pacheco Bastos, publicado no jornal Esquema Oeste (1977) foi uma cópia fiel do discurso de Nivaldo Krüger (1973) no mesmo jornal. Como Bastos tinha sido vice-prefeito naquela gestão é difícil reconhecer a autoria.²⁰ A única diferença que percebemos se restringiu ao uso das imagens, as quais encenaram o exercício de funções administrativas. Os argumentos utilizados por Bastos referem-se a uma contribuição popular, que conduzia os habitantes da cidade em direção ao progresso, formando uma sociedade mais justa e igualitária, nas quais a religiosidade não poderia ser esquecida. O “desenvolvimento”, dessa forma, era encarado como um processo natural que exigia a tomada de decisões, as quais se assemelharam à coragem dos “desbravadores”:

A todos quantos aqui nasceram e a todos quantos aqui vivem, contribuindo diuturnamente com esforço de seu trabalho e de sua dedicação, impulsionando o desenvolvimento e gerando o progresso para a construção de uma sociedade mais equânime e humana, e por isso mesmo mais justa e cristã, o nosso justificado orgulho.²¹

A homenagem ao cacique Guairacá encerrava vários significados e uma educação monumental (Figura 3). Os três blocos nos quais se assentou a escultura pedestre, referiam-se aos três planaltos do Estado do Paraná. Simultaneamente significavam a celebração do aniversário da cidade e o enaltecimento daquele governo, o qual se mostrava preocupado com o tratamento digno aos povos indígenas. É conveniente lembrar que essa construção discursiva se amparava em Romário Martins e no paranismo. A campanha de Antonio Lustosa de Oliveira (com apoio do Rotary Club e do Lions Club) visava proximidade simbólica com estátua idêntica à do Palácio do Iguaçu, em Curitiba (19 de abril de 1978).²²



Figura 3. Inauguração do monumento ao índio Guairacá. Discurso de Lustosa de Oliveira em 1978.

Fonte: Jornal Esquema Oeste, 1993.

Na gestão de Nivaldo Passos Krüger (1984-1988) as recorrências às imagens da cidade não eram novidade. No entanto, às exceções ficavam por conta dos ângulos e dos recursos das lentes fotográficas que eram inseridas no jornal Esquema Oeste. Ora publicavam-se esboços da cidade, representações pictóricas da paisagem urbana, ora ressaltavam-se seus edifícios.²³ Como complemento à narrativa jornalística as linguagens visuais e linguísticas simbolizavam aquilo que o recurso fotográfico, às vezes, não poderia cogitar imediatamente: a relação entre os atributos físicos e as realizações da referida gestão municipal. Dessa forma, “Guarapuava é isto aqui” (Figura 4) e “Os novos caminhos do desenvolvimento” passaram também por formas simbólicas já conhecidas e fixadas no corpo social da cidade: o paço municipal, o museu, a Lagoa das Lágrimas, o calçadão da Rua XV de Novembro e a iluminação. Portanto, sentidos, valores e significados foram atribuídos a esses pontos simbólicos de uso coletivo da população.²⁴



Figura 4. Manchete do Jornal Esquema Oeste. Edição comemorativa. 3ª Gestão de N. P. Kruger.

Eles eram indicativos de que a administração local incentivava a economia e, portanto, era competente. O discurso enfatizava a expansão da indústria, do comércio e da agropecuária. Tal desenvolvimento era o reflexo de ações coordenadas e exitosas frente a uma crise social e econômica que existia na época. Bastava ver as metas e os programas desenvolvidos, o resultado das ações municipais: o Conselho de Desenvolvimento de Guarapuava - CODEG - (programa que incentivou a fruticultura e o cultivo da erva-mate); a instalação de uma unidade de armazenamento para os produtos da fruticultura; a instalação do posto de pesquisa agrônômica do Paraná; o programa Planalto Verde, o complexo esportivo Pérola do Oeste; a inauguração e pavimentação do Parque do Jordão, entre outras realizações

Entretanto, outro aspecto foi levado em conta por Farah. O desenvolvimento urbano transformou a cidade em dois sentidos: de um lado, o “velho” cedeu lugar ao “novo”, ou seja, a arquitetura do século passado era demolida, para dar lugar aos novos edifícios. As práticas do executivo municipal eram fruto do trabalho e da responsabilidade de todos, embora tenha mantido um espírito da tradição, e de rememoração para validar as proposições do discurso. No entanto, o desenvolvimento urbano foi lento.²⁵ De qualquer forma, naquela perspectiva a cidade tinha um passado inesquecível e um presente promissor, que pelas realizações daquela administração,

orgulhavam o povo guarapuavano e permitiam vislumbrar paz e progresso:

Acompanhando as continuidades e discontinuidades do desenvolvimento guarapuavano desde a conquista até o processo de sua integração na modernidade brasileira observa-se que Guarapuava tem um passado que não pode ser esquecido, um presente que nos orgulha e um futuro que vislumbramos, de paz e progresso.²⁶

O discurso político se pautava no problema da “explosão urbana”, no rápido crescimento vegetativo e na falta de infraestrutura urbana. Ressaltava-se que a melhoria da qualidade de vida só seria possível com programas que adequassem a vida do homem ao campo, que disciplinassem o uso do solo urbano, que previsse e ordenasse a expansão urbana e seu desenvolvimento:

[...] E agora ao comemorarmos o 167º aniversário da cidade temos a oportunidade de encaminhar à egrégia Câmara de vereadores o terceiro Plano Diretor Urbano que decorre da decisão do governo local de ouvir a comunidade pelos seus representantes constituídos em conselho estabelecendo as linhas de seu destino.

27

As imagens da cidade continuavam a ser veiculadas no jornal Esquema Oeste pela SURG. Logo, elas eram àquelas que conotavam a cidade como canteiro de obras. Porém, a oposição entre passado e presente deveria transparecer para não perder vínculos memoriais e pedagógicos. Passado e presente são elementos importantes para idealização do passado. É através do passado conhecido e reconhecido que se introjetava na memória coletiva uma identidade. Isto implicava num recorte ideológico e na manipulação dos eventos por parte de um grupo social ativo e dominante. É nessa perspectiva que se insere outra dimensão, a do futuro. Ora, é justamente nesse ponto que o poder público tratou desses elementos, a fim de dar sentido aos seus discursos progressistas e inserir junto à coletividade uma imagem urbana midiaticizada.

No período de 1989 a 1992, as imagens da cidade, retratadas no Jornal Esquema Oeste continuaram evidenciando aqueles pontos da cidade que tinham “sentido” histórico. No entanto, também se destacou aqueles em que o poder público tornou referência popular, como foi o caso do Parque Recreativo de Jordão. A preocupação com imagens panorâmicas procurava conotar uma modernização e também a verticalização urbana.

O discurso apresentado no jornal, por Leonel Farah vai na mesma direção de Fernando Ribas Carli, uma vez que atribuía grande importância aos empreendimentos daquela administração municipal. O enunciado atribuía à cidade uma “plástica” em sua forma e uma reformulação em seu espírito.²⁸ A narrativa, baseada no modernismo, mudara o perfil urbanístico da cidade, tornando-a funcional e mais humana. Para isso era necessário resgatar o humanismo e as tradições. Era necessário recorrer ao passado, e a partir dele, conscientizar a população de sua importância para a identidade de seu povo. Daí a importância de preservar a arquitetura urbana e os resquícios de seus monumentos. Essa consciência histórica aparece parcialmente no discurso de Fernando Ribas Carli. A ideia era a de que a história da cidade seria um suporte

para o crescimento da cidade. A preservação do patrimônio histórico em seu mandato seria uma prioridade. O enunciado se referia aos novos tempos, cujas realizações transpareciam nos setores da economia do município. A cidade se transformara em polo de desenvolvimento econômico. Tudo isso, graças às conquistas do povo, ao planejamento urbano a longo prazo, baseando-se na educação, saúde e geração de empregos:

Juntos estamos cumprindo um vasto programa de realizações que se espraia pelas áreas de saúde, educação e geração de empregos. Também estamos legando uma melhor qualidade de vida, com mais saneamento básico, recapeamento asfáltico, novos programas de pavimentação e uma nova iluminação, mais brilhante e mais bonita.²⁹

Pretendia-se construir uma imagem moderna da cidade, considerando a virada de século, imagem esta que passava pelas obras realizadas e pela melhoria da qualidade de vida da população. É claro, as melhorias não chegavam a todas as partes da cidade. Outro elemento interessante no discurso de Carli passava pelo crescimento com qualidade: as finanças em dia, os impostos arrecadados investidos no mercado financeiro, o planejamento e a organização de sua administração, levariam os empresários a realizarem empreendimentos no município.

Para Carli o poder público municipal era a “viga-mestra do desenvolvimento” e em complemento, a cidadania e o preservação da história da cidade eram vitais para a mudança na imagem da cidade tradicional para a cidade moderna. É se esta imagem estava vinculada à infraestrutura urbana visível, elas deveriam ser apresentadas no aniversário da cidade.³⁰ Assim, destacavam-se as seguintes realizações naquele ano: creches, Capela do Degolado, ciclovias, quadras esportivas, monumentos à memória, corpo de bombeiros (Entre Rios), postos de saúde, restauração do museu Visconde de Guarapuava, esculturas de gesso (Catedral de Nossa Senhora de Belém), preservação de arquitetura, pavimentação asfáltica, postos de serviço telefônico entre outras obras. As grandes realizações administrativas e a sua divulgação através do “marketing” projetaram a cidade, como, por exemplo, a realização do campeonato mundial de xadrez e a sua popularização nas escolas públicas. Anos mais tarde o jornalista Farah, que ocupava a Secretaria de Comunicação Social, denunciava a “propaganda enganosa” de Carli.³¹ O “marketing” na referida gestão municipal, não fez mais do que “vender ilusões ao povo”, pois os empreendimentos não ocorreram exatamente naquele período.

Na administração de César Franco (1993-1996) a imagem idealizada da cidade moderna culminou com o desenvolvimento científico e cultural. Além do equilíbrio econômico, social e viário, previa-se a influência da instalação da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro) e avanços na área de preservação patrimonial.³² Seus argumentos partem da ideia de estagnação econômica e social oriundas das gestões anteriores. Se a cidade perdera em termos de investimentos industriais para outros núcleos como Cascavel e Ponta Grossa, por “falta de vontade política na hora

certa”, perdera, também, quanto à preservação de monumentos históricos. Recuperar o tempo perdido era uma prioridade, quer na continuidade no trato com as finanças públicas, infraestrutura urbana, limpeza, saúde e iluminação, quer na criação de uma ouvidoria municipal para atender os reclames da população.

Para isto, considerava-se importante a influência das indústrias; campanhas de divulgação da cidade eram vitais para o progresso: “precisamos vender uma imagem de Guarapuava mostrando aos empresários quais são as vantagens de investir aqui, com um diagnóstico sócio-econômico provando que somos a melhor região para investir”.³³ A cidade ideal de Cesar Franco deveria conciliar os valores e aspirações da população, a fim de melhor administrar conflitos, problemas estruturais e desenvolver o município. Por outro lado, tanto as formas urbanas impostas pela modernidade quanto os resquícios arquitetônicos deveriam ser preservados e repensados como elementos importantes de uma dinâmica social estabelecida no tempo e no espaço:

Em 174 anos, avançamos muito. Saímos de um período colonial, em que a cidade era constituída por poucas ruas, por casarões dos senhores proprietários de terra e o clarão dos lampeões iluminava noites de reinante calmaria. A modernidade veio com estradas, meios de transportes e comunicações, abrindo a cidade para um número cada vez maior de pessoas. Junto com ela nasceram os contrastes sociais, a desagregação das tradições e as transformações culturais. Não mudaram apenas a paisagem urbana; também evidenciaram novos comportamentos”.³⁴

Esse ideário se restringiu ao discurso político. As contradições sociais, a exclusão espacial e os investimentos continuavam a ser direcionados a lugares e grupos sociais específicos. Assim, as áreas periféricas foram as menos atendidas, uma vez que a especulação imobiliária influenciou na organização espacial da cidade.³⁵

Para finalizarmos este capítulo é necessário enfatizar que partir da década 60, os discursos de administrações públicas passaram a trabalhar de maneira mais precisa as imagens da cidade. Em geral, os elementos ideológicos da narrativa encerraram um ideal urbano associado à prosperidade. As imagens utilizadas no Plano de Urbanização de 1967 e as manchetes de jornal que se seguiram até a década de 90, figuram como uma realidade indiscutível e não permitiram aos seus observadores a assimilar imediatamente o sentido obtuso dos discursos que se impunham.³⁶ O olhar “coletivo” se fixava nas imagens e não nos processos de criação, seleção, enquadramento e montagem das imagens associadas ao discurso político que idealizou a cidade em diferentes momentos. Isso permitiu às narrativas trabalharem com uma imagem reificada da cidade para enaltecer gestões administrativas.

Essas linguagens presentes nas narrativas, apresentaram dois níveis estruturais distintos, comportando uma mensagem visual e uma mensagem linguística. Um olhar reflexivo sobre esses discursos, revela, em sua composição conotativa, a imposição de imagens que sugeriram um ideal urbano progressista ancorado na história tradicional. De qualquer forma, a disseminação de uma imagem de prosperidade, durante o aniversário da cidade, procurava absorver os problemas de implantação

de infraestrutura urbana, desviando-se dos conflitos sociais existentes, e remetendo seus “leitores” para um estado contemplativo e de realizações coletivas durante a celebração do aniversário da cidade.

Notas

1. Este texto é uma adaptação sintetizada do capítulo “*A imagem da cidade enquanto “marketing”*”: *a propaganda urbana de administrações públicas municipais entre as décadas de 60 e 90*, de nossa dissertação de mestrado: “Guarapuava é isto aqui”: da sedução dos discursos ao marketing da cidade (Unesp, 1999). Para a realização deste trabalho buscamos as contribuições de inúmeros autores, tais como Odalia (1967), Munford (1961), Meireles (1995), Lynch (1997), Le Goff (1996), Kohlsdorf (1996), Freira (1997), Ferrara (1988), Calvino (1990), Burke (1992), Benjamin (1985), Baudrillard (1995), Barthes (1964, 1977, 1978), Ban (1994). Ver também as reportagens especiais da Rede Paranaense de Telecomunicação – RPC/Rede Globo, intitulada Guarapuava 200 anos, disponível em <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/guarapuava200anos/playlist/videos-veja-as-reportagens-do-especial-guarapuava-200-anos.ghtml>
2. ALVES, Paulo. Perspectivas acerca do método e técnica de análise dos discursos. *História*, v2. p.33-37, 1983. Ver também ALVES, Paulo, MASSEI, R. C. *Fotografia e história*: São Paulo, História, 1989; ALVES, P. Experiência de investigação: pressupostos e estratégias do historiador no trabalho com as fontes. In: *Fontes históricas: abordagens e métodos*. Assis: Programa de pós-graduação em História, 1986.
3. BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1982. Barthes se referiu a um paradoxo fotográfico que se verificava na relação existente entre as mensagens que formam a fotografia. De um lado, a mensagem visual, sem código, um análogo do real, a mensagem denotada, o sentido “óbvio”; e de outro lado uma mensagem codificada, elaborada de acordo com um interesse de quem a produziu ou a utilizou, o sentido “obscuro”, de forma que a relação conotação-denotação não se torna evidente entre quem observa uma mensagem visual desta categoria. Mas além disso, de acordo com Barthes, essa tentativa de neutralidade, de não transparecer nestas mensagens nos reporta a um paradoxo ético, onde uma tentativa de análise para resolver tal problema nos levaria a uma leitura dos elementos que compõe a fotografia, para verificar possíveis variações de significados.
4. Ver BENJAMIN, 1985, p. 107
5. MONTEIRO, G. Gama, OLIVEIRA, Onaldo P. (org.). *GUARAPUAVA: Plano Básico de Urbanização*. Curitiba: Editora do Oeste, 1967.
6. SILVESTRE, Moacyr Júlio. Mensagem. *Esquema oeste*, 29 dez., 1971-4 jan., 1972.
7. SILVESTRI, Moacyr Júlio. Mensagem. Tudo é festa: Guarapuava para principiantes. *Esquema Oeste*, 9-16 dez, 1970; Mensagem, Guarapuava festeja seu 152º aniversário. *Esquema Oeste*, 9-14 dez., 1971.
8. SILVESTRI, M. J. *Esquema Oeste*, 971, p. 4.
9. KRÜGER, Nivaldo Passos. Guarapuava, 154 anos, *Esquema Oeste*, 5-11 dez., 1973.
10. Idem, Padre Chagas de volta, depois de 155 anos, *Esquema Oeste*, 4-10 dez., 1974.
11. Idem, A festa da cidade, *Esquema Oeste*, 9 dez., 1975.
12. Idem. Guarapuava festeja 157 anos, *Esquema Oeste*, 9, dez., 1976.
13. Idem. Mensagem. *Esquema Oeste*, 1976, p. 1.

14. QUADROS, 1978, p. 170.
15. Guarapuava para Ver e Comparar. Estratégia de Publicidade e Marketing S/c Ltda. Curitiba, 1974.
16. OLIVEIRA, A. L. Cinzas do padre Chagas. Folha do Oeste, 15 dez. 1974; Resgate de uma dívida de gratidão, Folha do Oeste, 1 dez. 1974; 155º aniversário de Guarapuava, Folha do Oeste, 8 dez. 1974.
17. KRÜGER, N. Passos. Resgate de uma dívida de gratidão. Folha do Oeste, 1 dez., 1974;
18. FARAH, L. J. Pe. Chagas de volta, depois de 155 anos. Esquema Oeste, 4-10 dez., 1974.
19. FARAH, L. J. No contraste, uma nova beleza velha. *Esquema Oeste*, 6-12, dez., 1980. Ver também OLIVEIRA, A. L. Até que enfim. Folha do Oeste, 29 dez. 1974; Um pouco de história: Santa Clara. Folha do Oeste, 27 out. 1974; Palestra sobre Santa Clara. Folha do Oeste, 14 jul.1974; E Santa Clara?. Folha do Oeste, 2 jun. 1974; Batalha de 30 anos, Folha do Oeste, 1954; 5ª Exposição Feira. Folha do Oeste, 12 maio 1974.
20. BASTOS, C. P. Mensagem. Esquema Oeste, 9-16 dez. 1977. e Krüger, N. P. Mensagem. Esquema Oeste, 5-11 dez. 1973.
- 21 BASTOS, C. P. Mensagem. *Esquema Oeste*, 1978.
22. MARCONDES, G. G. Guairacá, do mito à realidade. Esquema Oeste, 11 – 17 dez. 1993. p.7. A autora menciona, ainda que a obra foi do artista João Turim e o pedestal foi desenhado pelo engenheiro Mário Rohering.
23. Guarapuava é isto, aqui. Esquema Oeste, 8-14 dez. 1984: Os novos caminhos do desenvolvimento. Esquema Oeste, 7-13 dez. 1985.
24. Outro exemplo do uso da representação pictórica foi elaborado por A. Fajardo F., no jornal *O Paraná*, 25 dez, 1984.
25. Guarapuava busca forma de incentivar a economia. Esquema Oeste, 8-14 dez. 1984. p. 5 1ºcaderno; O povo faz o progresso. Esquema Oeste, 6-12 dez. 1986. Editorial; Um momento para refletir sobre o destino do município. Folha do Oeste, 5-11 dez. 1987, edição especial, 1º caderno, p. 2.
26. KRÜGER, N. P. Guarapuava: 168 anos de vibração e amor. Folha Oeste, 5-11 dez., 1987.
27. Idem. Uma cidade moderna. Esquema Oeste, 6-12 dez., 1986. Neste documento das referências foram ao Planalto Verde e às leis Zoneamento de uso e ocupação do solo do perímetro urbano da sede do município, Lei nº 037, dez., 1986. Parcelamento do solo para fins urbanos no município de Guarapuava Lei nº 045, 24 dez., 1987; Código de obras do município de Guarapuava, Lei nº 051, 24 dez., 1987.
28. FARAH, L. J. Guarapuava cresce desafiando a crise. Esquema Oeste, 9-15, dez., 1989.
29. CARLI, Fernando Ribas. Construindo o futuro. *Esquema Oeste*, 9-15 dez., 1989; Mensagem, *Esquema Oeste*, 8-14, dez. 1990.
30. FARAH, L. J. A cidade atrai desenvolvimento. *Esquema Oeste*, 5-11 dez., 1991
31. Franco, Cesar. Propaganda enganosa. *Esquema Oeste*, 9-15 dez., 1995, p. 3.
32. Idem. Guarapuava mostra força para o desenvolvimento. *Esquema Oeste*, 11-17 dez., 1993.

Unicentro está reconhecida. Esquema Oeste, 9-15 dez. 1995.

33. Idem. Entrevista: Cesar Franco. *Esquema Oeste*, 5-11 dez., 1992. p. 5.

34. Franco, Cesar. A cidade ideal. *Esquema Oeste*, 11-17 dez., 1993, p. 16.

35. SILVA, Joseli Maria da, 1995, p. 142.

36. Na produção da fotografia Barthes adverte que devemos analisar separadamente os processos de “conotação”, “trucagem”, “pose do sujeito”, e “objetos” de, “fotogenia”, “esteticismo” e “sintaxe” pois no processo de conotação há uma modificação da realidade num plano que vai além dos limites observáveis da própria fotografia, ou seja, através de mensagens que se expressam por meio de significantes e significados complexos. Ver também BARTHES, Roland et ali. *Análise estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas*. Petrópolis: Vozes, 1971. BARTHES, R. *A Lição*: Lisboa: Edições 70, 1977.

REFERÊNCIAS

BANN, S. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Unesp, 1994.

BARTHES, R. *A lição*: Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *Ensaio crítico*. Lisboa: Edições 70, 1964.

_____. *A imaginação do signo*. Lisboa: Edições 70, 1978.

BAUDRILARD, J. *A ilusão do fim ou a greve dos acontecimentos*: Lisboa: Terramar, 1995.

BENJAMIN, V. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CALVINO, Í. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ECO, H. *Viagem na irrealidade cotidiana*: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FERRARA, L. D'A. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

FREIRE, C. *Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: Sesc/Annblume, 1997.

KOHLSDORF, M. E. *A apreensão da forma da cidade*: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

LE GOFF, J. *História e memória*: Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LINCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MEIRELLES, W. R. História das imagens: uma abordagem de múltiplas facetas. Assis: Pós-História, 1995.

MUNFORD, L. A cultura das cidades: Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

ODÁLIA, N. Notas sobre metodologia histórica: Anais de história, Assis, Instituto de História econômica do Brasil: São Paulo: Brasiliense, 1967.

SILVA, Joseli Maria da. Valorização fundiária e expansão recente de Guarapuava. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

N

Neurbanism 82

P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

U

Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-707-9

